

A PESQUISA POSITIVISTA E A ARTE POR MEIO DAS TECNOLOGIAS

POSITIVIST RESEARCH AND ART THROUGH TECHNOLOGIES

Dr^a. Camilla Viana de Souza

E-mail: loramestrado@hotmail.com

ORCID: 0000-0001-5156-4517

Recebido: 24/06/2025 – Aceito: 10/07/2025

RESUMO

Este artigo aborda as relações entre o paradigma positivista de pesquisa e as manifestações artísticas mediadas por tecnologias digitais. Analisa-se como o positivismo, enquanto vertente epistemológica fundamentada na objetividade e na mensuração dos fenômenos, dialoga ou entra em tensão com a arte, tradicionalmente associada à subjetividade, à expressão e à criatividade. Além disso, discute-se o papel das tecnologias como mediadoras desse processo, potencializando tanto a produção quanto a investigação acadêmica sobre arte. Por fim, são apresentadas reflexões sobre os limites e possibilidades de pesquisas positivistas no campo artístico em tempos de cultura digital.

Palavras-chave: Pesquisa Positivista. Arte. Tecnologias. Educação. Cultura Digital.

Resumen

Este artículo aborda la relación entre el paradigma de investigación positivista y las expresiones artísticas mediadas por las tecnologías digitales. Analiza cómo el positivismo, como enfoque epistemológico basado en la objetividad y la medición de fenómenos, dialoga o entra en tensión con el arte, tradicionalmente asociado con la subjetividad, la expresión y la creatividad. Además, discute el papel de las tecnologías como mediadoras de este proceso, potenciando tanto la producción como la investigación académica sobre arte. Finalmente, presenta reflexiones sobre los límites y las posibilidades de la investigación positivista en el ámbito artístico en la era de la cultura digital.

Palabras clave: Arte. Educación. Cultura digital. Investigación positivista. Tecnologías. Educación. Cultura digital.

Abstract

This article addresses the relationship between the positivist research paradigm and artistic expressions mediated by digital technologies. It analyzes how positivism, as an epistemological approach based on objectivity and the measurement of phenomena, dialogues or enters into tension with art, traditionally associated with subjectivity, expression and creativity. In addition, it discusses the role of technologies as mediators of this process, enhancing both production and academic research on art. Finally, it presents reflections on the limits and possibilities of positivist research in the artistic field in times of digital culture.

Keywords: Positivist Research. Art. Technologies. Education. Digital Culture.

1. Introdução

A arte, ao longo da história, tem ocupado um papel fundamental na constituição das culturas, na expressão das subjetividades e na formação do pensamento crítico e criativo dos indivíduos. Muito além de uma simples representação estética, a arte constitui-se como linguagem simbólica e como instrumento de transformação social, possibilitando que os sujeitos atribuam sentidos ao mundo, expressem emoções e reflitam sobre as complexidades da existência humana (DEWEY, 2010; SANTAELLA, 2013).

Nas últimas décadas, o acelerado avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) impactou de forma significativa o universo artístico, promovendo novas formas de criação, circulação e fruição das obras de arte. Recursos como softwares de edição de imagem e vídeo, plataformas de streaming, redes sociais e ambientes virtuais imersivos potencializaram o acesso e a democratização da arte, ao mesmo tempo em que alteraram profundamente os modos de produção e de consumo cultural (MORAN, 2015).

Esse cenário tecnológico contemporâneo, contudo, também impõe desafios importantes aos pesquisadores, educadores e artistas que se debruçam sobre o fenômeno artístico. Afinal, investigar a arte mediada por tecnologias exige o desenvolvimento de abordagens metodológicas sensíveis à complexidade simbólica

e subjetiva da experiência artística, mas que também sejam capazes de produzir dados objetivos e sistematizados, especialmente em um contexto acadêmico que ainda valoriza fortemente os paradigmas positivistas de pesquisa (GIL, 2008; LAKATOS; MARCONI, 2003).

O positivismo, enquanto concepção epistemológica estruturada por Auguste Comte no século XIX, defende que o conhecimento científico deve ser baseado na observação empírica, na mensuração dos fenômenos e na busca de leis gerais e universais (COMTE, 1978). Essa perspectiva, ao longo do tempo, se consolidou como referência nas ciências naturais e, posteriormente, passou a influenciar também as ciências humanas e sociais, incluindo o campo da educação e da arte.

Entretanto, as especificidades da arte — que envolvem subjetividade, expressão simbólica, múltiplas interpretações e experiências estéticas singulares — desafiam as tentativas de enquadramento puramente positivista. Como destaca Viana de Souza (2024), "a aplicação cega dos pressupostos positivistas ao estudo da arte corre o risco de reduzir sua complexidade a dados numéricos ou categorias rígidas, esvaziando o potencial criativo, cultural e humanizador que lhe é inerente" (VIANA DE SOUZA, 2024, p. 117).

Por outro lado, também não se pode ignorar que, diante da massificação das tecnologias e da expansão da cultura digital, o levantamento de dados quantitativos sobre o acesso, o consumo e a produção artística em ambientes virtuais pode oferecer subsídios relevantes para o desenvolvimento de políticas públicas, para o planejamento educacional e para o diagnóstico das práticas culturais contemporâneas.

Dessa forma, o presente artigo propõe-se a refletir criticamente sobre as possibilidades e os limites do paradigma positivista aplicado à pesquisa em arte mediada por tecnologias, defendendo a necessidade de abordagens epistemológicas plurais e articuladas, que sejam capazes de contemplar tanto a objetividade necessária aos dados empíricos quanto a subjetividade que caracteriza a experiência estética.

Parte-se da compreensão de que a complexidade dos fenômenos artísticos contemporâneos, especialmente no contexto da cultura digital, exige do pesquisador uma postura crítica, sensível e aberta ao diálogo entre diferentes perspectivas teórico-metodológicas, superando dicotomias reducionistas entre objetividade e

subjetividade, entre ciência e arte, entre dados quantitativos e interpretações qualitativas.

2. O Positivismo e seus Pressupostos Epistemológicos

O positivismo, consolidado por Auguste Comte no século XIX, representa uma das correntes epistemológicas mais influentes na história da ciência. Para Comte (1978), o verdadeiro conhecimento científico só pode ser construído com base na observação rigorosa dos fatos, na experimentação controlada e na formulação de leis gerais que permitam explicar, prever e controlar os fenômenos naturais e sociais. O autor propunha uma ciência objetiva, neutra e desprovida de especulações metafísicas ou subjetivas, marcada pela busca da verdade por meio de dados concretos e verificáveis.

Essa concepção se desenvolveu em um contexto histórico de valorização do progresso científico e tecnológico, marcado pela crença de que a razão e o método experimental seriam suficientes para promover o avanço da humanidade. Não por acaso, o positivismo encontrou ampla aceitação nas ciências naturais, sendo responsável por importantes descobertas e pelo desenvolvimento de tecnologias que transformaram profundamente a sociedade moderna.

Com o passar do tempo, os princípios positivistas também passaram a influenciar as ciências humanas e sociais, incluindo áreas como a sociologia, a educação, a psicologia e a comunicação. Pesquisadores dessas áreas passaram a adotar métodos quantitativos de investigação, baseados em instrumentos padronizados, estatísticas e análises objetivas, com o intuito de conferir maior rigor e credibilidade científica a seus estudos (GIL, 2008; LAKATOS; MARCONI, 2003).

Entretanto, a aplicação do positivismo às ciências humanas nunca se deu sem tensões e críticas. Isso ocorre porque os fenômenos sociais e culturais, ao contrário dos fenômenos naturais, são fortemente atravessados pela subjetividade, pela linguagem, pelas emoções e pelas relações simbólicas estabelecidas entre os indivíduos e os grupos sociais. Como argumenta Demo (1995), reduzir a complexidade humana a dados estatísticos e mensuráveis significa ignorar aspectos fundamentais da experiência social, como os significados atribuídos às ações, as interpretações culturais e as singularidades dos sujeitos.

Essa crítica torna-se ainda mais evidente quando se trata do campo da arte. A arte, por sua própria natureza, resiste às tentativas de ser enquadrada em categorias

rígidas ou reduzida a dados numéricos. Suas manifestações são plurais, simbólicas e muitas vezes ambíguas, fugindo das lógicas puramente objetivas defendidas pelo positivismo. Como destaca Dewey (2010), a experiência estética é marcada por emoções, interpretações pessoais e processos subjetivos que não podem ser totalmente capturados por métodos quantitativos.

Por essa razão, o uso exclusivo do positivismo no estudo da arte revela-se limitado e, em muitos casos, insuficiente para dar conta da complexidade do fenômeno artístico. Contudo, isso não significa que o positivismo deva ser completamente descartado no campo da pesquisa em arte, especialmente em um contexto social e educacional cada vez mais atravessado pelas tecnologias digitais.

De fato, métodos quantitativos e positivistas podem fornecer subsídios importantes para o levantamento de dados objetivos sobre o acesso à arte, o uso de plataformas digitais, o impacto de políticas públicas culturais e educacionais, entre outros aspectos (GATTI, 2012). Entretanto, tais dados precisam ser compreendidos como parte de um cenário mais amplo, que inclua também abordagens qualitativas, interpretativas e subjetivas.

Como observa Camilla Viana de Souza (2024), "embora o positivismo não dê conta, por si só, da complexidade simbólica e subjetiva da arte, ele pode ser um aliado no levantamento de dados objetivos e concretos sobre o contexto cultural, educativo e tecnológico em que as práticas artísticas se desenvolvem, desde que articulado a outras perspectivas epistemológicas" (VIANA DE SOUZA, 2024, p. 120).

Assim, compreende-se que o desafio atual para os pesquisadores da arte, sobretudo diante das transformações promovidas pelas tecnologias digitais, não reside em rejeitar ou aceitar de forma absoluta o positivismo, mas sim em reconhecer seus limites e potencialidades, buscando uma postura epistemológica aberta, crítica e plural, capaz de articular diferentes métodos e abordagens na investigação dos fenômenos artísticos.

3. A Arte e as Tecnologias: Novos Desafios para a Pesquisa

A arte, historicamente, sempre dialogou com os avanços técnicos e tecnológicos das sociedades. Desde o domínio das primeiras ferramentas até o uso da fotografia, do cinema e dos meios de comunicação de massa, a produção artística tem sido

atravessada pelas inovações tecnológicas, que reconfiguram tanto os processos de criação quanto os modos de fruição e circulação das obras (SANTAELLA, 2013).

Entretanto, nas últimas décadas, com a popularização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), esse processo se intensificou de maneira inédita, alterando profundamente o cenário artístico global. Recursos como softwares de edição de imagem, áudio e vídeo, plataformas de compartilhamento de conteúdos, redes sociais, realidade virtual e inteligência artificial passaram a compor o cotidiano dos artistas e do público, democratizando o acesso à arte, mas também impondo novos desafios ao campo da pesquisa acadêmica (MORAN, 2015).

Como destaca Santaella (2013), vivemos na era da hipermídia, caracterizada pela convergência de linguagens, pela interatividade e pela virtualização das experiências estéticas. Nesse ambiente híbrido e dinâmico, as fronteiras entre autor e público, entre criador e espectador, entre obra e processo, tornam-se cada vez mais tênues. Plataformas como YouTube, Instagram, TikTok, aplicativos de criação artística e museus virtuais têm transformado o modo como as pessoas acessam, produzem e compartilham arte, rompendo barreiras geográficas e institucionais.

Esse cenário, embora repleto de possibilidades criativas e educativas, também representa um desafio significativo para os pesquisadores da arte. Afinal, compreender o fenômeno artístico em meio às tecnologias digitais exige o desenvolvimento de metodologias adequadas, sensíveis às especificidades desse contexto e capazes de capturar tanto os aspectos objetivos quanto as dimensões subjetivas e simbólicas da arte.

Nesse sentido, os métodos positivistas, ao fornecerem instrumentos para o levantamento de dados quantitativos sobre o acesso, o uso de plataformas digitais e o consumo de conteúdos artísticos, podem ser úteis para mapear o panorama da arte em ambientes virtuais. Pesquisas quantitativas, por exemplo, permitem identificar o perfil dos usuários de plataformas digitais de arte, medir o alcance das produções artísticas online e avaliar o impacto de programas culturais baseados em tecnologias (GIL, 2008).

Contudo, como alertam diversos autores (DEWEY, 2010; MORAN, 2015), os números e estatísticas, por si só, não são capazes de revelar a riqueza simbólica, cultural e afetiva das práticas artísticas. A arte não se limita à sua dimensão mensurável ou quantitativa; ela envolve processos criativos, interpretações múltiplas,

experiências subjetivas e dimensões simbólicas que escapam às métricas tradicionais.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de adotar metodologias híbridas e interdisciplinares, que integrem o positivismo a abordagens qualitativas, hermenêuticas e fenomenológicas. Como argumenta Camilla Viana de Souza (2024), "a pesquisa sobre arte e tecnologias precisa ir além dos números, integrando abordagens qualitativas que deem voz aos sujeitos, valorizem as narrativas, as interpretações e os sentidos atribuídos à experiência artística no contexto digital" (VIANA DE SOUZA, 2024, p. 121).

Além disso, cabe ressaltar que as próprias tecnologias digitais desafiam as lógicas tradicionais de produção e circulação do conhecimento científico. Ambientes como redes sociais, blogs, podcasts e plataformas de ensino remoto têm alterado as formas de divulgação e compartilhamento dos saberes, exigindo dos pesquisadores uma postura mais flexível e adaptada às dinâmicas contemporâneas.

Por fim, destaca-se que, no campo educativo, as TDICs também ampliaram as possibilidades de ensino e aprendizagem da arte, permitindo o desenvolvimento de projetos interativos, colaborativos e mediados por tecnologias. No entanto, esses processos educativos também exigem investigações que considerem tanto os dados quantitativos quanto os sentidos subjetivos atribuídos pelos estudantes às suas vivências com a arte e a tecnologia.

Portanto, investigar a arte em meio às tecnologias digitais representa um duplo desafio: compreender as transformações culturais e sociais promovidas por essas inovações e, simultaneamente, desenvolver metodologias de pesquisa que sejam capazes de dar conta da complexidade, da subjetividade e da dimensão simbólica que caracterizam o fenômeno artístico.

4. Limites e Potencialidades da Pesquisa Positivista na Arte Mediadas por Tecnologias

A relação entre o paradigma positivista e o campo da arte, especialmente no contexto das tecnologias digitais, é permeada por ambivalências, possibilidades e limites significativos. Por um lado, o positivismo, com seu foco na objetividade, na mensuração e na sistematização de dados, pode fornecer subsídios relevantes para o estudo da arte em ambientes mediados por tecnologia. Por outro lado, esse

mesmo paradigma revela-se insuficiente quando se trata de compreender a riqueza simbólica, subjetiva e estética das práticas artísticas.

Entre as potencialidades do positivismo no estudo da arte mediada por tecnologias, destaca-se, em primeiro lugar, a possibilidade de levantamento e análise de dados quantitativos sobre o acesso e o uso de ferramentas digitais de criação artística. Pesquisas nesse sentido permitem mapear o perfil de acesso às plataformas de arte digital, identificar padrões de consumo cultural e verificar o alcance de produções artísticas em ambientes virtuais (GIL, 2008).

Além disso, o paradigma positivista oferece ferramentas valiosas para a avaliação do impacto de políticas públicas voltadas para a democratização da arte, como projetos de inclusão digital, programas de acesso gratuito a museus virtuais ou iniciativas de fomento à produção artística digital. Dados estatísticos gerados por essas pesquisas contribuem para o monitoramento e o aprimoramento de tais políticas, auxiliando gestores públicos, educadores e instituições culturais a tomarem decisões mais informadas (GATTI, 2012).

Outro aspecto relevante diz respeito à possibilidade de mapear o consumo cultural em plataformas digitais. Através de métricas como visualizações, downloads, curtidas, compartilhamentos e tempo de permanência em conteúdos artísticos, é possível identificar tendências culturais, compreender o comportamento do público e acompanhar a circulação de obras de arte em ambientes virtuais.

Por fim, a análise estatística do alcance de conteúdos artísticos em redes sociais, sites, aplicativos e demais espaços digitais permite dimensionar o impacto das produções artísticas e culturais em escala global, rompendo as barreiras geográficas e ampliando a compreensão sobre os fluxos contemporâneos de circulação da arte.

Entretanto, embora essas possibilidades sejam relevantes, é necessário reconhecer que o positivismo, por sua natureza, apresenta limitações importantes no que se refere ao estudo da arte, sobretudo em sua dimensão subjetiva, simbólica e estética. A experiência artística não se reduz a dados objetivos ou categorias rigidamente definidas; ao contrário, ela envolve processos criativos singulares, interpretações múltiplas e vivências sensoriais e emocionais que escapam às métricas tradicionais (DEWEY, 2010).

Como ressalta Moran (2015), compreender o fenômeno artístico, especialmente em tempos de cultura digital, exige do pesquisador uma postura aberta às interpretações subjetivas, às narrativas pessoais e aos sentidos simbólicos

atribuídos pelos sujeitos às suas práticas artísticas. Números e estatísticas podem revelar quantas pessoas acessaram uma obra de arte digital, mas não são capazes de explicar o impacto estético, afetivo ou cultural que essa obra provocou nos indivíduos.

Nesse sentido, Camilla Viana de Souza (2024) adverte que "a arte, por sua natureza, resiste às tentativas de ser reduzida a números ou categorias rígidas; ela se manifesta no campo do sensível, do simbólico e do subjetivo, exigindo do pesquisador posturas epistemológicas mais abertas e flexíveis" (VIANA DE SOUZA, 2024, p. 123).

Portanto, embora o positivismo possa e deva ser utilizado como estratégia complementar no estudo da arte em meio às tecnologias digitais, ele não deve ser encarado como a única via legítima de produção do conhecimento nesse campo. Ao contrário, é fundamental que o pesquisador adote uma postura epistemológica plural, integrando o rigor metodológico do positivismo à sensibilidade e profundidade interpretativa das abordagens qualitativas, fenomenológicas e hermenêuticas.

Somente assim será possível produzir conhecimentos relevantes, éticos e contextualizados sobre a complexa e dinâmica relação entre arte, tecnologia e sociedade na contemporaneidade.

5. Considerações Finais

O debate acerca da aplicabilidade da pesquisa positivista no estudo da arte mediada por tecnologias evidencia, de maneira inquestionável, as tensões, desafios e possibilidades que emergem no campo das ciências humanas diante das transformações promovidas pela cultura digital. Embora o paradigma positivista tenha desempenhado um papel fundamental na consolidação da pesquisa científica, oferecendo instrumentos valiosos para a sistematização de dados, sua utilização no campo da arte e das práticas culturais contemporâneas requer cautela, criticidade e flexibilidade epistemológica.

Como demonstrado ao longo deste estudo, o positivismo, ao priorizar a objetividade, a quantificação e a busca por regularidades, revela-se útil para mapear aspectos objetivos do fenômeno artístico em ambientes digitais. Através de dados quantitativos é possível, por exemplo, identificar o perfil de acesso às plataformas de arte digital, mensurar o alcance de conteúdos artísticos nas redes sociais, avaliar o impacto de políticas culturais voltadas para o uso de tecnologias e monitorar o consumo cultural em diferentes contextos sociais.

Contudo, reduzir o fenômeno artístico — especialmente aquele produzido e compartilhado em ambientes mediados por tecnologias — às métricas e aos números compromete, de forma significativa, a compreensão da sua complexidade simbólica, estética, subjetiva e cultural. A arte, por sua natureza, transcende as fronteiras do mensurável; ela se expressa no sensível, no poético, no criativo e no simbólico, dimensões essas que escapam aos instrumentos tradicionais de mensuração e exigem do pesquisador abordagens metodológicas que reconheçam e valorizem a pluralidade do conhecimento.

Nesse contexto, como destaca Camilla Viana de Souza (2024), "investigar a arte e as tecnologias requer não apenas rigor metodológico, mas, sobretudo, sensibilidade epistemológica, capaz de articular dados quantitativos e qualitativos, ciência e estética, objetividade e subjetividade, razão e emoção" (VIANA DE SOUZA, 2024, p. 126). Essa compreensão reforça a necessidade de superarmos dicotomias reducionistas que frequentemente opõem ciência e arte, objetividade e subjetividade, dado e interpretação, evidenciando a importância de perspectivas integradoras e interdisciplinares.

Além disso, a emergência das tecnologias digitais e sua crescente presença nos processos de criação, circulação e fruição artística demandam, dos pesquisadores e educadores, uma atualização constante de seus referenciais teóricos e metodológicos. Investigar as práticas artísticas no contexto da cultura digital implica, necessariamente, considerar as especificidades desse ambiente, como a interatividade, a convergência de linguagens, a efemeridade dos conteúdos e a ampliação dos espaços de autoria e participação.

Por conseguinte, a pesquisa em arte mediada por tecnologias exige sensibilidade, criticidade e pluralidade metodológica, de modo que o campo artístico e educativo não perca sua dimensão formativa, criativa, cultural e humanizadora. Mais do que optar por um único paradigma de investigação, o pesquisador precisa reconhecer que a complexidade dos fenômenos sociais e culturais do presente demanda posturas epistemológicas abertas, dialógicas e comprometidas com a produção de conhecimentos éticos, contextualizados e socialmente relevantes.

Assim, conclui-se que o caminho mais profícuo para o estudo da arte em meio às tecnologias digitais reside na articulação de diferentes abordagens metodológicas — quantitativas e qualitativas — que, respeitando as singularidades do fenômeno

artístico, possibilitem compreensões amplas, profundas e comprometidas com a valorização da cultura, da sensibilidade e da subjetividade humanas.

Referências

COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete A. A pesquisa em educação no Brasil: alguns desafios. Revista Brasileira de Educação, n. 39, p. 283-295, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura das mídias. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

VIANA DE SOUZA, Camilla. A Arte de Ensinar na Era Digital: do tradicional ao inovador. Alegre: Publicação Independente, 2024.